

## **EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E PODER: UMA ANÁLISE SOCIOLÓGICA DE EXPERIÊNCIAS, VIVÊNCIAS E DISTINTAS PERCEPÇÕES ACERCA DO PROCESSO EDUCACIONAL NA CIDADE DE CAUCAIA-CE.**

**Ledervan Vieira CAZÉ<sup>1</sup>**

1. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza-CE, Brasil,

**Recebido em:** 10 de julho de 2018 - **Aceito em:** 10 de novembro de 2018

**RESUMO:** Este trabalho apresenta uma breve discussão acerca dos pressupostos educacionais e de como esses processos socializadores são utilizados como referência de um modelo de reconhecimento social que opera na lógica utilitarista. Em suma, a Educação (processo socializador/civilizador) sistematizada na ação pedagógica formal projetam, no sentido do mercado, toda matriz curricular que no desígnio atual e sob o dissimulado discurso da cidadania e do trabalho, tecem uma sociedade marcadamente desigual, hierarquizada e materialista. O respectivo artigo foi produzido como comunhão entre uma fundamentação teórica mais crítica e uma breve pesquisa de campo realizada em sete escolas no município de Caucaia, com professores e alunos da rede pública de ensino. Os autores elencados para a análise dialogam no universo da relação entre Educação e Sociedade e a pesquisa de campo, por sua vez, direcionou a conclusão para a ratificação daquilo que a base teórica evidencia como controle social “velado” no descaso com o currículo formal de ensino e com as práticas pedagógicas. A descrença na construção de um sujeito verdadeiramente cidadão constata a ineficiência de uma Educação autônoma e reflexiva no âmbito das Escolas analisadas o que, a meu ver, facilita a emergência de modelos de reconhecimento social de ação social mais danosa, destrutiva e meramente reprodutivista. Por fim e ainda que pareça conspiratório, a falta de significado real e o total esvaziamento de conteúdos que, em tese promoveriam prosperidade social, apenas produzem uma Educação tendenciosa e cooptada pelo paradigma vigente o que, por sua vez, reedita a Sociedade Capitalista.

**Palavras-chave:** Educação. Sociedade. Controle Social.

## **INTRODUÇÃO**

Qualquer acepção de Sociedade, mesmo as mais elementares, agrafas ou incipientemente rudimentares, pressupõem um ordenamento geral que sintetiza um conjunto de regras de convivência que, operando no comportamento humano, objetiva a produção e o estabelecimento da ordem como estratégia de preservação da estrutura. Em suma “[...] ninguém dúvida de que os indivíduos formam a sociedade ou de que toda sociedade é uma sociedade de indivíduos” (ELIAS, 1994, p. 16)

Destarte, nesse sentido e refletindo sobre o dinâmico processo de mudança da vida social e da relação dependente entre indivíduo e Sociedade, Elias (1994, p. 16) coloca que “[...] as unidades de potencia menor dão origem a uma unidade de potencia maior, que não pode ser compreendida quando suas partes são consideradas em isolamento, independentemente de suas relações [...]”.

Assim, ainda que esse conjunto de interdependência exista sob a lógica inarmônica das pulsões e necessidades que são individualmente peculiares, diferentes e, por vezes, conflituosas, quando comparadas a partir de seus respectivos contextos, a Sociedade existe e

persiste. Ainda resta-nos saber como?

Não obstante, o mesmo autor (ELIAS, 1994, p. 21) nos ensina que a funcionalidade em meio ao nível moderno de interdependência atua como uma força oculta e unificadora da vida social, ou seja, a Sociedade é formulada através da rede de relações funcionais que a antecede, pois: “[...] cada pessoa nesse turbilhão faz parte de determinado lugar [...]”.

Destarte e marcadamente necessário para projetarmos um primeiro entendimento acerca de nosso objeto é entender, nessa análise sincrônica, o papel das instituições que operam a lógica da estrutura e, assim, perceber que a Educação assume um sentido fundamental no ordenamento social, uma vez que a Escola, enquanto instituição social detentora de força de socialização, produz e reproduz à lógica Estado, exercendo uma educação ortodoxa e/ou uma heterodoxa a partir da conveniência política ou da efervescência histórica.

Consubstanciando ainda com a reflexão de Norbert Elias (1994), pode-se concluir, sem correr o risco de pressupostos forçosos, que a Educação é uma ferramenta importante do Processo Civilizador<sup>11</sup> e que, portanto, serviu e serve à classe dirigente como instrumento de controle da totalidade das classes menos favorecidas no jogo social.

Nesse sentido, Elias (1993, p. 196) coloca que:

[...] a direção dessa transformação da conduta, sob a forma de uma regulação crescente diferenciada e impulsos, era determinada pela direção do processo de diferenciação social, pela progressiva divisão funções e pelo crescimento de cadeias de interdependência nas quais, direta ou indiretamente, cada impulso, cada ação do indivíduo tornavam-se integrados.

Segundo Demerval Saviani (2015), a Educação é um fenômeno próprio dos seres humanos e tem na celeuma de suas atribuições, uma perspectiva macro, enquanto processo social universal.

O nobre pedagogo justifica seu posicionamento a partir de uma leitura ontológica sobre a essência da Educação como processo socializador e humanizador. Em suma, reivindica Saviani (2012) que é a Educação a promotora da gênese de tudo aquilo que é verdadeiramente humano, ou seja, é através dela que nos libertamos de nossa condição mais elementar.

Assim, o processo de produção da existência humana implica, primeiramente, a garantia da sua subsistência material com a consequente produção, em escalas cada

---

<sup>1</sup> Em o Processo Civilizador, Norbert Elias procura demonstrar as mudanças no padrão de comportamento das pessoas, descrevendo a crescente estruturação e restrição do comportamento humano no decorrer da história. Tal fenômeno existiu e, existe, no sentido de ajustamento àquilo que as classes dominantes conceberam como Civilização.

vez mais amplas e complexas, de bens materiais; tal processo nós podemos traduzir na rubrica “trabalho material”. Entretanto, para traduzir materialmente, o homem necessita antecipar em ideias os objetivos da ação, o que significa que ele representa mentalmente os objetivos reais. Essa representação inclui o aspecto de conhecimento das propriedades do mundo real (ciência), de valorização (ética) e de simbolização (arte) (SAVIANE, 2012 p. 76).

Nesse sentido, a Educação constitui um processo de transmissão cultural no sentido amplo do termo (valores, normas, atitudes, experiências, imagens, representações), cuja função principal é a utopia, mas é utilizada essencialmente como instrumento de reprodução do sistema social.

Consubstanciando com a reflexão Durkheim (1973, p. 52) coloca que:

[...] em resumo, longe de a educação ter por objeto único e principal o indivíduo e seus interesses, ela é antes de tudo o meio pelo qual a sociedade renova perpetuamente as condições de sua própria existência. A sociedade só pode viver se dentre seus membros existe uma suficiente homogeneidade. A educação perpétua e reforça essa homogeneidade, fixando desde cedo na alma da criança as semelhanças essenciais que a vida coletiva supõe [...].

Nesse sentido, o sistema educativo é preconizado por parâmetros curriculares objetivos, ou seja, almejam um interesse específico que perpassa por funções sociais específicas e fundamentais para a lógica do sistema social, como Estabilidade Social (ordem social através de aspectos axiológicos de moralidade, valores e virtudes); Ascensão Social (mobilidade social); Hierarquização Social (divisão Social do Trabalho) e Controle Social.

Como ideologia da classe dominante, ela alcança todos os ramos da ideologia, da arte à ciência, incluindo a economia, o direito, etc. Como concepção do mundo, difundida em todas as acamadas sociais para vinculá-las à classe dirigente, ela se adapta a todos os grupos: daí provêm seus diferentes graus qualitativos: filosofia, religião, sentido comum, folclore; como direção ideológica da sociedade, ela se articula em três níveis essenciais: a ideologia propriamente dita, a estrutura ideológica; o material ideológico e os instrumentos técnicos de difusão da ideologia [...] (PORTELLI, 1971, p. 23)

Na mesma linha de pensamento, Bourdieu (1966) tenta desconstruir as ilusões acerca da dimensão educativa que são, até hoje, “vendidas” na emergência da teoria do Capital Humano<sup>2</sup> como pseudo-objetivos daquilo que se confirma como Educação.

O celebre autor coloca que o sistema de ensino não produz uma ascensão social, mas apenas reverbera aquilo que já é desenvolvido enquanto herança cultural pelo Hábitus

---

<sup>2</sup> A Teoria do Capital Humano é a concepção que entende a Educação como instrumento que qualifica as relações de produção e, na consequência, o indivíduo, como ferramenta de ampliação da produtividade e do lucro.

Primário<sup>3</sup> (Campo Familiar). E que, consciente ou não, em meio ao Hábitus Escolar e aos Ritos de Instituição<sup>4</sup>, a Escola reproduz essa diferença de classe ao avaliar, de forma distintiva (classificatória) e homogênea diferentes saberes e diferentes contextos de alunos.

Para o autor, (BOURDIEU, 1966, p. 56):

[...] para que sejam desfavorecidos os mais favorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. Tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, o sistema escolar é levado a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura.

Nesse sentido, a Escola assume um papel de instituição social de caráter político e dialoga com a sociedade tomando pra si as responsabilidades de amparo dos educandos, mas de operar essencialmente uma seleção social, pois como bem nos orienta Foucault (1997) *apud* Veiga-Neto (2003), a Educação é também uma Tecnologia de Poder atuante na dimensão da Psicogênese, ou seja, no corpo (Poder Disciplinar<sup>5</sup>) e na dimensão da Sociogênese, a saber: nas práticas estatais instrumentalizadas (Biopoder<sup>6</sup>).

Reverberando a reflexão acima e ainda que a Escola tenha poder de agência sobre o papel de proporcionar práticas significativas e coesas de educação, bem como de estimular e seduzir os discentes dentro do processo educativo formal (TEBEROSKY, 2001); assume também seu papel de Agência Reguladora da dominação ideológica do Estado, produzindo e reproduzindo, o autocontrole e o conformismo. A miúdo, a instituição escolar produz coercitivamente a condição de sujeito “educado”.

Dito de outra forma, é covarde e latente que o Capital Cultural<sup>7</sup>, doravante e replicante nas classes privilegiadas, existe como objetivo macro da Escola e é reproduzido como Saber/Poder que, por fim, transforma-se em manutenção das estruturas de Dominação

Nesse sentido, essa “dimensão do educativo”, recorre à dominação simbólica para homogeneizar a polarização inerente à diferenciação das psicogêneses. Em outras palavras, é educar para um padrão de igualdade pré-estabelecido pela estrutura e, conseqüentemente,

<sup>3</sup> O Hábitus Primário pode ser entendido como um conjunto de disposições, ações e percepções construído no âmbito familiar.

<sup>4</sup> A teoria dos Ritos de Instituição pode ser entendida como tributária da teoria bourdiana da distinção social (1979). Nessa, o autor explica o funcionamento de “estratégias de condescendência” como processo de consagração de privilégios por parte das classes mais favorecidas.

<sup>5</sup> Conceito foucaultiano que pressupõe a disciplinarização individual dos corpos.

<sup>6</sup> Conceito foucaultiano que enseja à prática dos estados modernos e sua regulação dos que a ele estão sujeitos por meio de uma explosão de técnicas numerosas e diversas para obter a subjugação e controle de populações

<sup>7</sup> Capital Cultural são os títulos, certificados, diplomas e afins que regularizam e identificam a legitimidade do saber conquistado na sociedade estatal.

preservar a ordem vigente a partir do nivelamento das classes minoritárias.

Com base nesse começo de conversa, o respectivo artigo tentou elaborar, na relação entre Educação e Sociedade, uma pesquisa que desse conta de compreender o controle social vigente e “velado” no currículo formal de ensino e nas práticas das escolas pesquisadas. Para tanto, aplicou uma abordagem qualitativa de pesquisa, com utilização de questionário e entrevistas abertas com professores e alunos, bem como através de pesquisa bibliográfica e documental.

Assim e com base naquilo que a pesquisa evidenciou, a descrença na construção de um sujeito verdadeiramente cidadão constata a ineficiência de uma Educação autônoma e reflexiva no âmbito das Escolas analisadas o que, a meu ver, facilita a emergência de modelos de reconhecimento social nefastos e condicionantes de ação social mais danosa, destrutiva e meramente reprodutivista de uma lógica instrumental. Nesse viés, o cenário escolar transforma-se, sem resistência, num palco de hipocrisias onde ecoa a lógica economicista do capital em conflito constante com a lógica pedagógica.

Não obstante, a observação de um “recorte” da rotina escolar, bem como da oralidade espontânea dos colaboradores da pesquisa permitiu a esse pesquisador uma leitura privilegiada do processo metodológico e ofereceu a oportunidade de construir uma leitura rica de reflexões, possibilitando a fase conclusiva do texto.

Avançando ainda na descrição inicial, atestou-se, sem muito espanto, que os alunos possuíam dificuldades gerais que, em parte, refletiam a própria situação de deslocamento por qual passa o ensino público atual.

Todavia, tal realidade apenas reverbera que a absorção de conteúdo e o processo de ensino/aprendizagem, no âmbito da educação básica, acontece através da memorização de conteúdo, desenvolve-se, em parte, dissociada e desconexa e não produz significado real na vida dos educandos.

Ainda que a reconstrução incipiente de identidades a partir de uma pedagogia transformadora não aconteça ali na totalidade, evidenciando com isso certa porcentagem de fracasso no desafio de promover cidadania a partir da matriz curricular e das práticas pedagógicas, destaca-se na pesquisa que a relação entre o docente e o discente é rica de entendimento e afetividade, o que provoca uma transformação real na matriz educacional e no próprio processo educacional local. No geral, a compreensão entre ambos é plena, uma vez que se estabelece numa dimensão de dedicação, carinho e amizade.

Por fim e direcionando a crítica desse artigo para a emergência do currículo formal,

das práticas reprodutivistas, da falta de significado real e do total esvaziamento de conteúdos que, na sua antítese, promoveriam prosperidade social, apenas se produz ali uma Educação tendenciosa e cooptada pelo paradigma vigente o que, por sua vez, nada mais faz do que reeditar a Sociedade desigual.

Nesse viés e como afirma Rojo (2004), a escolarização brasileira, não leva à formação de sujeitos críticos; pelo contrário, tende a impedi-la, pois tal condição ainda é matéria privilegiada da educação destinada às elites. Dito isso, a Educação destinada às classes menos abastadas é aquela que se define e se reduz ao processo regular de alfabetização, ou seja, aquela que se configura como ferramenta de memorização e repetição para cumprir as metas de um currículo formal e centralizado.

Em suma, a realidade escolar encontrada não desenvolve senão uma pequena parcela das capacidades cognitivas dos educandos, engessando-os a uma realizada pré-concebida de mundo e reverberando apenas o projeto daqueles que programam a estrutura social e a dura realidade imposta aos pobres, público alvo do ensino público.

## **MATERIAIS E MÉTODOS**

### **Um possível caminho para a Pesquisa de Campo.**

De forma geral e recorrendo a estrutura clássica de qualquer pesquisa científica, dividiu-se a análise em três momentos distintos e complementares. O primeiro correspondeu ao aprofundamento conceitual a partir de literaturas específicas e sua hermenêutica junto à investigação do fenômeno educacional (pesquisa bibliográfica e documental); o segundo consistiu no trabalho laboral de produção e coleta de dados através de pesquisa de campo e, o terceiro, na análise e interpretação dos dados coletados, bem como na tentativa de elaborar uma conclusão harmoniosa entre as etapas anteriores.

No que condiz aos desdobramentos instrumentais desse estudo, a Pesquisa de Campo destacou-se no respectivo trabalho acadêmico por dar uma visão clara do objeto, sem maiores discrepâncias ou falsas impressões, posto que, objetivamos a aproximação entre o campo teórico e os desdobramentos empíricos da prática educativa ali.

Assim, a análise das atividades (cotidiano escolar), bem como das entrevistas que ensejam a reflexão final dessa pesquisa foram elaboradas através de literatura específica e compostas pelo universo da prática educacional no âmbito das unidades escolares escolhidas para o estudo.

De forma geral, tais ações se destinam a levantar informações comportamentais e cognitivas que se permitam sintetizar e desenvolverem-se em meio a um texto acadêmico

sucinto e objetivo (MARCONI, LAKATOS, 2005).

Não obstante, mas concordando marcadamente com Marconi e Lakatos (2005), a pesquisa de campo é:

[...] aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles (Marconi & Lakatos, 2005, p.188).

Tal premissa é evidenciada, desde já, por contemplar honestamente aquilo que este estudo objetiva, ou seja, traçar um padrão metodológico que nos permita compreender a gênese da transmissão de um saber escolar efetivo e promotor de um sujeito verdadeiramente reflexivo. Ou não!

Assim, o empreendimento é construído através dos resultados da observação, mas concebe-se principalmente nas vivências e opiniões bem formuladas de docentes e discentes no âmbito das escolas. Não obstante, mas marcadamente necessário para delinear a metodologia, as nuances da pesquisa a inclinaram, como já destacado no texto, para uma dimensão qualitativa de análise, por comungar, em maior demanda, com as subjetividades dos envolvidos.

Nesse sentido e de acordo com Straus & Corbin (2008) e Serapione (2000) a abordagem qualitativa:

[...] analisa o comportamento humano, do ponto de vista do ator, utilizando a observação naturalista e não controlada; é subjetiva e está perto dos dados (perspectiva de dentro), orientada ao desenvolvimento; é exploratória, descritiva e indutiva; é orientada ao processo e assume uma realidade dinâmica; é holística e não generalizável, porém seus resultados podem ser transferidos.

Não menos e para exaurir essa reflexão, a abordagem qualitativa é definida em função do aprofundamento e da compreensão do objeto, divergindo da quantitativa que se vale da representatividade numérica e da generalização dos resultados obtidos (COSTA, 1996).

Contudo e desde já, é necessário colocar que mesmo tendo um caráter essencialmente qualitativo, a pesquisa não deixa de ter rigor acadêmico, pois trata de sistematizar toda e qualquer informação construída no campo, bem como nas outras fases de sua elaboração.

Reverberando a reflexão, Gil (1999, p. 45), conceitua pesquisa como:

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos [...] a pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos,

técnicas e outros procedimento científicos [...] ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados.

Em suma, perceber a totalidade da subjetividade dos professores e dos alunos em consonância com qualquer fenômeno científico abstrato, de efetivação no concreto, não é um desafio que se alcance apenas com estatísticas ou com fontes teóricas dadas e escritas. Tais considerações carecem de ser construídas no campo e, comumente, se estabelecem através de diálogos negociados entre a totalidade dos envolvidos na pesquisa.

Cabe especificar, desde já, que as entrevistas abertas e informais foram efetivadas, grosso modo, na perspectiva de tentar alcançar a real sensação que o entrevistado sentia ao ser questionado quanto à temática e enquanto ator relevante de um processo de aprendizagem formalizado e “engessado” no currículo escolar convencional.

Nesse viés, é necessário colocar que as perguntas foram pré-elaborada, ou seja, seguiram regras de construções cujas respostas obtidas formaram argumentos que constituíram a pesquisa em si, mas o desenvolvimento da entrevista, sob a luz da informalidade, aconteceu na sua modalidade mais livre, uma vez que a disponibilidade dos cooperadores se deu pela situação aleatória da conveniência destes no campo.

Assim, por meio da produção de perguntas e questões, procurou-se extrair do entrevistado as informações relevantes sobre o objeto de pesquisa. Destarte e partir desse entendimento, pode-se constatar que aplicou-se nesse trabalho um método dialético, onde a oralidade dos colaboradores da pesquisa serviu de argumento para o momento conclusivo.

**TABELA 01 - Escolas visitadas e quantidade de colaboradores.**

ESCOLA	LOCAL	PROFESSORES ENTREVISTADOS	ALUNOS ENTREVISTADOS
EEM Romeu de Castro Menezes,	Conjunto habitacional Nova Metrópole	12	8
EEFM Dom Aluísio Lorscheider	Conjunto habitacional Nova Metrópole	3	-
EEM Eliezer de Freitas Guimarães	Conjunto habitacional Nova Metrópole	5	6
EEFM Luís de Gonzaga Fonseca Mota	Conjunto habitacional Nova Metrópole	3	-
EEIEF Edgard Vieira Guerra	Conjunto habitacional Nova Metrópole	3	-
EEIEF Francisca Alves do Amaral	Conjunto habitacional Nova Metrópole	2	3
EEIEF Sebastião Bezerra dos Santos	Localidade do Arianópolis	2	3
<b>TOTAL</b>	<b>7</b>	<b>30</b>	<b>20</b>

Fonte: Elaboração pessoal, com base na pesquisa de campo.

Prosseguindo e com base na observação da Tabela 01, foi possível no recorte temporal da pesquisa (seis semanas) conversar (entrevistar) com trinta professores e vinte alunos, nas sete escolas visitadas. Destaca-se ainda na tabela acima que a totalidade das unidades educacionais localiza-se nas imediações do Conjunto Habitacional Nova Metrópole, no município de Caucaia, o que aconteceu pela conveniência e pela disponibilidade desse pesquisador; mas também pelo comprometimento com as circunstâncias educacionais ali.

Também de forma geral e ainda com base na escolha da abordagem qualitativa como matriz metodológica, ainda que se tenha elaborado gráficos através dos dados coletados, as perguntas disponibilizadas tem um caráter mais simples e geral por objetivarem, em um primeiro momento, formular um início dialético que se desenvolve, no decorrer da conversa, para uma reflexão mais apurada sobre a temática.

Nesse sentido, perguntar individualmente aos colaboradores (professores e alunos) qual o objetivo e o real significado da Educação (Perguntas 01 e 02: A Educação serve para quê? e Por que você estuda?), por exemplo, pressupõe o entendimento pessoal, mas amplo, acerca do sentido que o processo educacional desenvolve e introjecta ali e de como essa cealuma de saberes, elencados na matriz curricular normativa, promove, ou não, a formação cidadã do jovem estudante e a conscientização dos sistemas sociais de reconhecimento e representação que o acompanham.

Destarte, indagar ainda a respeito da noção de valor, bem como sobre o entendimento insipiente do conceito de cidadão, auxilia na compreensão daquilo que se entende como função-fim da Escola (a partir da concepção dos colaboradores), ou pelo menos, daquilo que a legislação educacional (Lei nº 9394/96) coloca como objetivos educacionais básicos e, se, tais propósitos estão sendo alcançados.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES.**

### **O que nos mostra as escolas e os atores?**

Desde o primeiro momento desse tópico, enfatiza-se que a abordagem utilizada na pesquisa cooperou, quase que simultaneamente, às dificuldades encontradas no caminho, pois o trabalho se fez em caráter exploratório, construído sob o prisma de análises particulares e em meio aos espaços educacionais elencados; diante da escassez de logística, disponibilidade de pessoal para aplicação da pesquisa e pelas impedâncias do tempo desse pesquisador.

Em suma e a partir do que foi possível compreender com a aplicação do campo, a totalidade dos entrevistados, diz saber exatamente o que a Educação significa; todavia, quando intercalados com o desenvolvimento dessa resposta, parte significativa dos entrevistados (professores também, para a surpresa desse pesquisador), agrega à função educacional, tão somente a perspectiva da ascensão financeira e social.

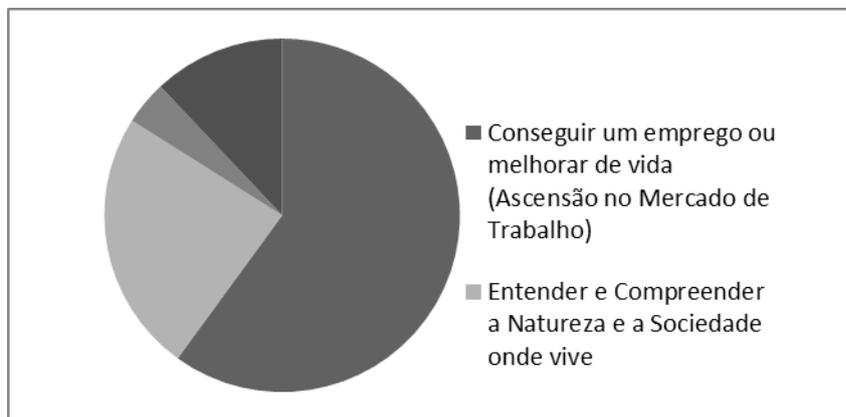
Em outras palavras, dizem os colaboradores da pesquisa, que estudam para lograr êxito financeiro e obterem capital cultural; o que distorce, a meu ver e sobremaneira, o sentido mais puro de uma ação educacional totalizante.

Tal situação estatística apresentou-se à totalidade dos educandos entrevistados, mas também foi pontuada entre alguns docentes na pesquisa o que, colabora, para caracterizar o argumento primeiro desse artigo, ou seja, a cooptação da dimensão do educativo pela lógica da Economia (mercado, preços; eficácia e eficiência).

Destarte e independente da condição de professor ou de aluno, o desconhecimento acerca daquilo que deve compreender a essência humanizadora do fenômeno educacional mais fundamental, se mostrou uma tendência incômoda na pesquisa o que, talvez, evidencie o desconhecimento de uma teoria pedagógica essencial na formação do docente que é, por consequência, transmitido no âmbito do processo de ensino/aprendizagem ao discente.

Assim e de acordo com o Gráfico 01 (A consciência da Educação), produzido a partir da indagação extraída do questionário (Perguntas 01 e 02: A Educação serve para quê? e Por que você estuda?), cerca de 60% dos entrevistados (professores e/ou alunos) admitiram ter estudado ou estarem estudando para transformar a sua condição sócio financeira.

**GRÁFICO 01 - A consciência da Educação.**

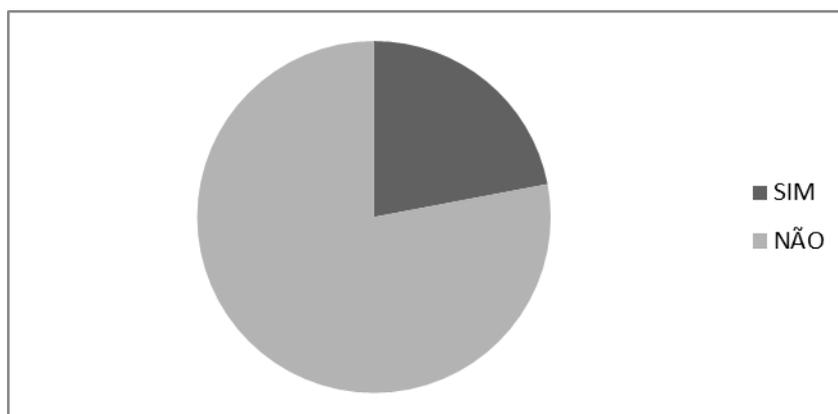


Fonte: Elaboração pessoal, com base na pesquisa de campo.

Prosseguindo e pontuando concomitantemente aos percentuais apresentados acima, a pesquisa apontou de forma paradoxal que, grande parte dos colaboradores posicionaram-se em desfavor ao modelo de sucesso atual, ou seja, professores e alunos não acham correto o padrão utilitarista de reconhecimento social. Em suma, colocam no desenvolvimento de suas falas que, o ideal era a valorização pessoal pelo caráter (valores axiológicos) dos homens e não pela propriedade ou pelo poder que possuem.

Assim e com base nesses dados, o colaborador da pesquisa trouxe para o debate, uma aceitação significativa daquilo que apresentamos enquanto objeto de análise na pesquisa, ou seja, cerca de 78% dos entrevistados (professores e/ou alunos) posicionaram-se em desfavor da relevância de uma sociedade cujo comportamento seja eminentemente capitalista através da interpretação das respostas elencadas nas perguntas 03 e 04 do questionário (Qual o significado da propriedade para você, e como isso identifica as pessoas? e Como pode-se medir o valor dos homens?).

**GRÁFICO 02 - A consciência do modelo utilitarista (Qual o valor dos homens?).**



Fonte: Elaboração pessoal, com base na pesquisa de campo.

Contudo e para apresentarmos uma discussão mais crítica da temática, vamos trazer a tona, em um primeiro momento, as reflexões dos 22% que se estabeleceram a favor do instrumento monetário para valoração social. Destarte e em grande parte, a justificativa para o postulado diz respeito ao empreendimento de individualizar todas as dificuldades da vida social e a falácia da meritocracia educacional como discurso para ascender socialmente.

Não obstante e a meu ver, revelam as respectivas falas que a naturalização da exclusão social, bem como da má distribuição de renda, engendram uma postura de conflito que fundamenta a valoração imediata daqueles que conseguem fugir de tal realidade, ao ascender financeiramente no jogo social.

Contudo, tal mensuração de valor, talvez por falta de uma perspectiva mais crítica e direcionada para o entendimento dos processos menores e inerentes a essa ascensão, se faz superficialmente e partir da ótica de quem “vence” e acumula mais dinheiro o que, nesse sentido, é o único sinônimo de triunfo. Nesse viés, opera tão somente o ciclo vicioso que Paulo Freire identificou como sequencia de opressão.

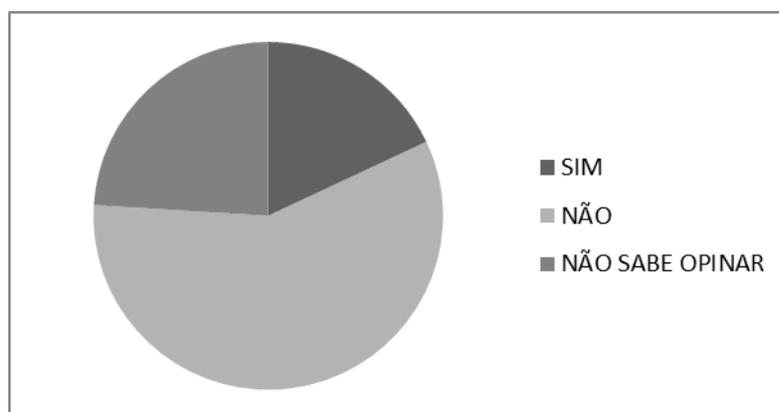
Por fim e nesse sentido, o caráter controlador da respectiva visão acerca das relações,

constrói um poder sob Forma de Sociabilidade<sup>8</sup> (SIMMEL, 2006) onde a Econômica avança colonizando todas as esferas da vida social, inclusive a Educação, com o advento de uma lógica de mercado construída a partir da teoria do capital humano.

Contudo, avançando na descrição dos resultados e como parte compreensível do paradoxo acima, foi também corriqueira na fala dos entrevistados a descrença no advento da Cidadania como fundamento do processo educacional por meio do currículo regular do ensino.

Em suma, compreende-se nas falas que deve haver certos ajustamentos (contextualizações) do currículo ao contexto social local através de mediação de estratégias pedagógicas mais humanizadoras e interessantes (ludicidade). De forma geral, professores e alunos não acreditam que o currículo formal educa para o exercício pleno de cidadania, pois o conceito apresentado tacitamente nas emendas da matriz curricular não dá conta de fornecer um entendimento real daquilo que é, de fato, ser cidadão.

### **GRÁFICO 03 - A descrença na produção de Cidadania pela matriz curricular da Educação.**



Fonte: Elaboração pessoal, com base na pesquisa de campo.

Em suma e partir de uma análise do Gráfico acima, percebemos que os agentes educacionais não conseguem compreender como a Sociedade se apresenta a eles ou como o advento do fenômeno educacional comunga com ela energia social de utopia ou reprodução.

Não entendem, assim, como ela existe através de uma conveniência política descompromissada e como a distribuição de poder reverbera a extrema desigualdade social.

<sup>8</sup> Segundo Georg Simmel, a sociedade é produto das interações entre os indivíduos como atores sociais. Compreendendo a Sociedade como produto das interações individuais, Simmel formula o conceito de "sociação" para designar mais apropriadamente as Formas ou modos pelos quais os atores sociais se relacionam na estrutura social.

Também de forma geral, docentes e discentes, não entendem a lógica dos processos educacionais, mas compreendem que, seja qual for, não dá conta de transformar ou de fornecer empoderamento através da transmissão de uma ideia mínima acerca da noção de direitos e deveres.

Sem mais e de acordo com o gráfico, é necessário compreender que ambos os posicionamentos tem sua razão de existir, uma vez que passamos por um momento de intensa instabilidade política e social, onde a Educação é, por vezes, desamparada como que a deriva e sem ter onde ancorar com estabilidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em verdade, se faz necessário esclarecer que a homogeneização do saber escolar, a partir do projeto de dominação da classe dirigente é, aos olhos de um educador mais atento, uma realidade marcante e ainda viva na mente e nos corpos dos jovens discentes de castas menos abastadas, em situação de vulnerabilidade social, moradores de guetos e periferias e ainda pertencentes a grupos políticos minoritários, que tanto caracterizam o nosso país (ainda que isso seja um panorama tacitamente universal por assim dizer).

Destarte, não é exagero dizer que, a partir dos princípios utilitaristas, a dimensão do educativo também foi colonizada pela Economia e passou a refletir a lógica do mercado e dos preços, ou seja, o aluno é percebido como um produto que deve está maturado (de técnica e/ou de intelecto) em um determinado período de tempo; a saber: o tempo do capital. Em suma, transformar o trabalho e, antes dele a Educação, em mercadoria é controlar o processo de produção da vida material e, por extensão, da própria vida social.

Todavia e ainda que a Educação seja “vendida” na contemporaneidade como expressão macro de Democracia, pois é, teoricamente e sob o viés jurídico, colocada como imagem política de um direito social amplo, universal e efetivado no concreto, sabe-se facilmente que não abrange a totalidade daquilo que objetiva e, nem tão pouco, daquilo que lhe é mais essencial enquanto sentido mais puro e emancipatório.

Nesse viés e ainda que seja o fim mais nobre de nossa Carta Magna, como pressuposto do próprio Estado, construir uma sociedade livre, justa e solidária, sabe-se com iluminada clareza que a Democracia Disjuntiva<sup>9</sup> que tanto caracteriza o país é, outro não, um

---

<sup>9</sup> A expressão "democracia disjuntiva" serve para classificar democracias emergentes com um sistema eleitoral saudável, mas incapazes de fazer garantir os direitos civis, sociais e culturais de seus cidadãos de forma universal

entranche instrumental e impede qualquer realização mais prospera de desenvolvimento real, inclusivo e construtor de uma Educação verdadeiramente humanizadora.

Nesse sentido e a partir dessa reflexão tão evidente, se deduz que a democracia disjuntiva tupiniquim também produz uma “Legislação Educacional Disjuntiva” (CF/1988, ECA/1990 e a LBD/1996), ou seja, longe de se efetivar e transformar a realidade dos educandos, a Educação existe perfeita apenas no texto normativo, pois quando materializada nas escolas e no sistema educacional, ela não da conta de fazer valer nem seus princípios mais fundamentais.

Todavia e a despeito da tentativa normativa de efetivar, verdadeiramente, o direito à Educação, a história nos ensinou que a Escola, enquanto instituição primeira e responsável pelo processo educacional, também operou (e opera) como agência socializadora e, como tal, também é instrumento de produção e reprodução de Dominação. Aos olhos de Bourdieu (1966) *apud* Cerqueira (2008), por exemplo, a função do sistema de ensino, materializado na rotina escolar e na dimensão inteira do educativo, é servir de instrumento de legitimação das desigualdades sociais.

Tal circunstancia a meu ver e envolvendo a Escola, é descrita nas observações do celebre cientista social, bem como de seu contemporâneo Foucault (1986) (através de conceitos semelhantes), como sendo um conjunto de práticas sociais que ensejam um Regime de Verdades elencado na “escolarização” das gerações mais novas a partir da noção de “sucesso” pré-concebida pelas gerações mais velhas e dominantes. Ou seja, é a emergência do currículo escolar como pressupostos ideológicos, políticos (no Brasil, partidários) e históricos.

Em suma, a fragmentação das relações sociais operada no sentido hierárquico das classes, pelo capitalismo, estrutura e é estruturada pela desagregação da Educação, enquanto instrumento de controle social. Não obstante, a meu ver e partir de uma reflexão mais aprofundada da questão, esse processo enseja a gênese de uma “Deseducação” disfarçada de direito social, enquanto acessão e legitimação de “convenientes” sistemas de saberes.

Por fim e nesse viés, é a incorporação destas pseudoverdades pelo cotidiano que faz da Escola e do ensino (por extensão toda a Educação) um reflexo do sistema de poder vigente, bem como, ferramenta e reforço das desigualdades, pois equivocadamente reproduz a falácia do mérito, da hierarquização das classes e do progresso pela ordem, mantida pelo idealismo educacional e pela violência simbólica. Contudo, nos interessa agora entender como mudar tal situação!

---

**EDUCATION, SOCIETY AND POWER: A SOCIOLOGICAL ANALYSIS OF EXPERIENCES, LIVING AND DIFFERENT PERCEPTIONS ABOUT THE EDUCATIONAL PROCESS IN THE CITY OF CAUCAIA-CE.**

**ABSTRACT:** This paper presents a brief discussion about the educational assumptions and how these socializing processes are used as reference of a model of social recognition that operates in the utilitarian logic. In short, Education (socializing / civilizing process) and Schooling systematized in formal pedagogical action project, in the sense of the market, any curricular matrix which, in the current design and under the covert discourse of citizenship and work, weave a markedly unequal society, hierarchical and materialistic. The article was produced as a communion between a more critical theoretical foundation and a brief field research carried out in seven schools in the municipality of Caucaia, with teachers and students from the public school system. The authors listed for the analysis dialogue in the universe of the relation between Education and Society and the field research, in turn, directed the conclusion for the ratification of what the theoretical base evidences as social control through the formal curriculum of teaching and the respective projects inherent pedagogical policies. Nonetheless, the disbelief in the construction of a truly citizen subject shows the inefficiency of an autonomous and reflexive Education in the scope of the Schools analyzed which, in my view, facilitates the emergence of harmful social recognition models and conditioners of more harmful social action, destructive and merely reproductive. Finally, and even if it seems conspiratorial, the lack of real meaning and the total emptying of contents that, in theory, would promote social prosperity, only produce an Education tendentious and coopted by the current paradigm which, in turn, reissues the Capitalist Society.

**Keywords:** Education. Society. Social Control.

---

**REFERÊNCIAS**

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 28. ed. São Paulo: Cortez, 1993. (Coleção Questões da nossa época.)

BRASIL. **Ministério da Educação**. Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil-vol.3. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_, MEC. **Educação integral/educação integrada em tempo integral: concepções e práticas na educação brasileira**. Brasília, 2009, 148 p.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Maria Ferreira. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_, Pierre. **Meditações Pascalianas**. Tradução: Sergio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001

\_\_\_\_\_, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2013.

CERQUEIRA, Eduardo Tramontina Valente. “Escritos de Educação” por Pierre Bourdieu. Revista **ACOALFAPlp**: Acolhendo a alfabetização nos Países de Língua portuguesa, São Paulo, ano 2, n. 4, 2008. Disponível em: <<http://www.mocambras.org>> e ou <<http://www.acoalfaplp.org>>. Publicado em: março 2008.

COSTA, M. V. Novos olhares na pesquisa em Educação. In: COSTA, M.V. (Org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em Educação**. Porto Alegre: Mediação, 1996.

DEWEY, John. **Vida e Educação**. São Paulo, Edições Melhoramento, 1971.

DURKHEIM, Emile. **Educação e Sociologia**. Buenos Aires, Editorial Shapire, 1973.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos indivíduos**. Organizado por Michael Schroter; tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

\_\_\_\_\_, Norbert. **O processo socializador**. Tradução da versão inglesa, Ruy Jungmann; revisão apresentação e notas, Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. 2v.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Vozes, Petrópolis, 1997.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**, 17<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra,. 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOLDEMBERG, José. **O repensar da educação no Brasil**. Estud. av., São Paulo, v. 7, n. 18, Aug. 1993.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**, São Paulo SP Editora Atlas 1991.

\_\_\_\_\_, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2009.

PORTELLI, Hugues. (1971). **Gramsci y el Bloque Historico**. México, Editorial Siglo XXI, 1971.

ROJO, R. **Letramento e capacidades de leitura para a cidadania**. LAEL/PUC-SP, 2004.

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton (Org.). **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2012.

SERAPIONI, Mauro. **Métodos Qualitativos e Quantitativos na Pesquisa Social em Saúde: algumas estratégias para a integração**. São Paulo: Ciência e Saúde coletiva, 2000.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradução: Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

---

STRAUSS, Anselm e CORBIN, Juliet. **Pesquisa Qualitativa. Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada.** 2ª Edição. Porto Alegre, Artmed, 2008. Série Métodos de pesquisa.

TEBEROSKY, A. & COLOMER, T. **Aprender a ler e a escrever – uma proposta construtiva.** São Paulo: Penso Editora, 2001.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a Educação.** Belo horizonte: Ed. Autêntica, 2003.

ZABALA, A. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 1998.